

## **UNIDADE DA FAMÍLIA HUMANA E CULTURA DE PAZ**

### **Discurso de Jesús Morán, Copresidente do Movimento dos Focolares UNESCO, Paris, 15/11/2016**

Ilustríssimos Srs. Embaixadores,

Dom Francesco Follo,

Ilustre Senhor Badarch Dendev, Representante da Unesco,

Prezados participantes deste evento dedicado ao 20º aniversário do Prêmio que a Unesco outorgou a Chiara Lubich sob o título Educação à paz,

Acolho com gratidão a oportunidade que generosamente me concederam de falar sobre a questão da unidade da família humana e a cultura de paz.

Há vinte anos, nesta prestigiosa sede, Chiara Lubich descreveu a conexão existente entre a cultura da unidade e a paz, apresentando a experiência do Movimento dos Focolares no mundo, como um serviço ao mútuo reconhecimento da dignidade de cada pessoa. Esta experiência, afirmou, favorece um estilo de vida comunitário, abatendo as artificiais barreiras que produzem desconfiança, hostilidade e inimizade. Ela apresentou sobretudo, a ideia fundamental da nova ordem mundial baseada na visão da paz, ou seja, da humanidade como família, com Deus Pai, fonte de amor infinito para todos e para cada um. E, apesar dos ventos de guerra que se erguiam na humanidade naquela época, Chiara Lubich evidenciou as muitas iniciativas e experiências que evidenciavam o caminho da busca da unidade entre as pessoas, as comunidades, os povos.

Há vinte anos o mundo era diferente. Estava afligido por numerosos conflitos, que muitas vezes se apresentavam de maneira localizada, envolvendo determinados grupos de combatentes. Os anos seguintes manifestaram o duro e angustiante aspecto de novas situações de guerra. Lembramos as primaveras árabes, com as consequentes instabilidades das áreas do Oriente Médio e a formação do autoproclamado Estado islâmico. Estão ainda vivas na nossa mente as imagens das destruições de inteiras cidades, das devastações de monumentos e obras de arte. Vinte anos atrás ninguém poderia imaginar que a Europa seria novamente teatro da ocupação de uma região de um Estado por parte de outro confinante, como aconteceu na Crimeia. O recrudescimento do conflito no Afeganistão, na Birmânia, o golpe de Estado na Tailândia, os conflitos entre grupos religiosos, e não só, na África Central e em outras regiões da África subsaariana, parecem voltar os ponteiros do relógio para trás no tempo, para épocas de instabilidades políticas que, talvez, vinte anos atrás eram menos óbvias.

A guerra é, hoje, um drama com mil aspectos. Às guerras entre os Estados se acrescentam guerras dentro dos Estados, entre etnias, grupos políticos e comunidades religiosas. Às vezes é combatida por exércitos regulares, outras vezes por milícias irregulares, grupos de mercenários ou por “lobos solitários” irreconhecíveis, como acontece no caso das ações terroristas. Também os instrumentos de guerra mudaram. É evidente que hoje as guerras se manifestam muitas vezes nos campos de batalha inéditos dos mercados financeiros e econômicos, para se abastecerem de matérias-primas e recursos energéticos para conquistar novos mercados.

O aparecimento e desenvolvimento de novos conflitos solicita igualmente as culturas de paz a encontrar respostas novas e atualizadas. Pensemos, por exemplo, na cultura da não-violência. Ela é verdadeiramente uma força revolucionária a serviço da pacificação nos contextos das mais sangrentas guerras. É poderosa porque transforma a injustiça sofrida em oportunidade de construir ações de paz e de perdão. É a resposta de quem, insultado e perseguido, se recusa a empunhar armas, porque não acredita que a ação militar seja uma maneira razoável para superar os conflitos. Mas hoje está acontecendo algo novo: os civis inermes, vítimas de ações terroristas, já são indefesos, inocentes, desarmados. São, em poucas palavras, não-violentos, mas sem o terem escolhido. Por outro lado, nem mesmo sabiam que estavam em um campo de batalha. O que é então a não-violência se de escolha ética passa a ser circunstância imprevisível?

Podemos pensar também na cultura de paz determinada pelo normativismo. Ela tem o seu fundamento teórico na obra de Immanuel Kant, *Zum Ewigen Frieden*<sup>1</sup> (Pela paz perpétua), na qual o filósofo prussiano delinea as razões da paz entre os Estados e as comunidades não como categoria ética mas jurídica, racional e contratual. Mas os cenários globais atuais colocaram em cena novos atores sociais, indiferentes às diplomacias, aos acordos, à negociação das vantagens e desvantagens da cooperação internacional.

A espiritualidade de Chiara Lubich, centrada na unidade, pode dar uma contribuição às hodiernas culturas de paz. O Movimento dos Focolares se empenha, como outras organizações, nestes âmbitos. Está presente em cerca de 180 países do mundo e, em muitos deles, representa uma espécie de tutela da unidade e da paz. Permitam-me lembrar aqui que, atualmente, existe uma comunidade dos focolares em Aleppo, na Síria, que oferece espaços de partilha e solidariedade recíprocas a uma população martirizada pela guerra. Existem comunidades vitais nos países da faixa central do continente africano, que visitei recentemente, onde a violência da intolerância ceifa quase que diariamente as suas vítimas. Concluiu-se há pouco em Tlemcen (Argélia) um Congresso Muçulmano do Movimento dos Focolares, também com a participação de cristãos de vários países do mundo, que expressou, como apelo final, a necessidade de trabalhar mais capilarmente e com maior profundidade para construir uma cultura de paz. E estamos presentes e ativos pela paz nos países onde ela se encontra atualmente mais ameaçada.

O principal objetivo destas iniciativas é, obviamente, o fim dos conflitos e a instauração de um clima social e civil pacífico. Mas, como nos ensinou muitas vezes a história contemporânea, as razões da paz envolvem hoje questões mais profundas. Neste sentido, o Movimento dos Focolares, trabalha por uma justiça social alicerçada na compreensão de que, no nosso mundo global, o futuro será sempre mais compartilhado, e as guerras e as misérias localizadas terão repercussões globais. Ninguém consegue se salvar sozinho, ninguém pode esperar ser feliz sozinho. Ocupar-se do bem e da paz alheia é decisivo hoje para recuperar a própria felicidade, como nos ensinam figuras como Zygmund Bauman, e antes dele John Dewey e Karl Mannheim.<sup>2</sup>

Neste sentido, a espiritualidade dos focolares, pode dar uma contribuição útil para a edificação de uma nova cultura de paz. Ela foi definida por Chiara como uma espiritualidade coletiva, comunitária. Do ponto de vista político, poderíamos crer que isso signifique simplesmente que ela se realiza ao redor de um ente coletivo, como pode ser um Estado, um partido ou uma Igreja. Não é assim e, entre outras coisas, a história moderna nos mostrou o terrível aspecto produzido pelos coletivismos quando tentam impor as suas visões éticas, originando assim a violação da liberdade individual, gerando guerras e não a paz.

A espiritualidade dos focolares, ao invés, se distingue das espiritualidades individuais pelo fato de que estas, geralmente, se baseiam em uma vida religiosa conquistada como busca pessoal. A espiritualidade da unidade acrescenta a esta busca individual, um percurso específico, segundo o qual chegamos a Deus juntos, ou seja, unidos à figura de Cristo (segundo as palavras do Evangelho de João: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós” [Jo 17, 21]), e construindo a unidade entre todos (“para que todos sejam uma coisa só” [Jo 17, 21]).

No centro da nossa espiritualidade não existe um ente coletivo, não existe um “nós” impessoal mas uma pessoa: a pessoa de Jesus<sup>3</sup>.

É Jesus, portanto, que traz a sua paz. Ainda mais, Jesus nos indica a medida máxima com a qual devemos agir para curar as feridas, sanar os problemas, resolver os conflitos. Amar como Ele amou, a ponto de morrer na cruz por amor da humanidade. Deste modo não só o seguiremos, no amor recíproco, mas seremos e agiremos como Ele, deixando porém que Ele faça a história.

Em Jesus, portanto, unidade e paz são a mesma coisa.

---

1 I. Kant, *Zum ewigen Frieden*, 1795.

2 Através destas iniciativas, o Movimento dos Focolares pretende construir um clima social fundamentado em princípios de paz e de harmonia, capaz de colocar no centro da ação pública o bem comum, o qual se propõe para além de qualquer interesse particular de natureza econômica, financeira ou geopolítica.

3 Jesus pode compor o mosaico rico e vario das nossas comunidades. A paz é um dom seu porque, como escreve Isaías: “Iahweh, tu nos asseguras a paz; na verdade todas as nossas obras tu as realiza para nós” (Is 26, 12). Já Tomás de Aquino tinha intuído que tal passagem era a chave hermenêutica para unir a ação humana à Providência de Deus. Cf Tommaso D’Aquino, *Summa contra Gentes*, III, 67.

Ora, é esta a inspiração. Se é verdade que o desejo de paz inspira todos os homens de boa vontade<sup>4</sup>, se é verdade que ele está escrito no coração de cada homem, é no momento em que tal desejo se transfere do coração para a mente, e depois para a ação, que ele se torna cultura.

A cultura de paz, alicerçada no ideal da unidade, (como Chiara gostava de chamá-lo) é capaz hoje de enfrentar os desafios do pluralismo ético e religioso. A convivência de comunidades e povos que têm visões diferentes do mundo é um desafio para a paz. Sem dúvida, será difícil que a paz possa ser gerada com a prevalência de uma destas concepções pacifistas sobre as outras. Por mais que sejam louváveis as tentativas de difundir os princípios de tolerância, de democracia, de concórdia em todos os ângulos do mundo, não podemos nos iludir, pensando que já existam outras boas concepções de vida, outros princípios de ética social, ou que simplesmente a ética da gramática que estamos usando não coincida com a de outras culturas.

A única solução é entabular processos de diálogo que envolvam culturas diversas, credos diversos, concepções diferentes do mundo, finalizadas à aceitação mútua, à cooperação internacional, à promoção da solidariedade e do bem comum. São estas as características de uma comunidade alicerçada em um estilo de vida que busca a unidade. E quando ela se manifesta, representa uma força capaz de gerar soluções pacíficas transformadoras. Lembramos o que aconteceu no período do verão a Jacques Hamel, que foi trucidado na igreja de S. Étienne-de-Rouvray. Aquele trágico episódio conduziu muitos cidadãos islâmicos às igrejas cristãs para um momento de reflexão e unidade. Esta escolha foi para o terrorismo um golpe muito mais grave do que muitas estratégias políticas e militares.

É esta a cultura de paz que nasce da unidade. A sua eficácia se manifestou em Assis, em setembro passado, no encontro de diálogo entre as religiões e as culturas, trinta anos depois do primeiro grande encontro desejado por João Paulo II.

O Movimento dos Focolares está a serviço desta perspectiva, vista agora como crucial para pacificar um mundo cada vez mais interdependente. A profecia da mensagem de Chiara Lubich, premiada há vinte anos pela Unesco, ressoa hoje ainda mais atual.

Obrigado.

---

4 João XXIII, *Pacem in terris*, 1961, § 89.